

CORPO TERRITÓRIO

O BIOPODER EXERCIDO SOBRE À
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA



J58c

Jesus, Matheus de Oliveira

Corpo Território : O Biopoder exercido sobre a população em Situação de Rua / Matheus de Oliveira Jesus. -- Bauru, 2023

62 p. : il., tabs., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação Social: Radialismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientadora: Larissa Maués Pelúcio Silva

1. Documentário (cinema). 2. População em situação de rua.
3. Raças. 4. Antropologia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MATHEUS DE OLIVEIRA JESUS

CORPO TERRITÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel do Curso de Graduação em Comunicação Social: Radialismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru-SP, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Larissa Maués Pelúcio Silva do Departamento de Ciências Humanas (DCHU).

**Bauru
2023**

MATHEUS DE OLIVEIRA JESUS

CORPO TERRITÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Radialismo, a Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", atendendo à resolução de número 02/84 do Conselho Federal de Educação.

Aprovado em 18/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Larissa Maués Pelúcio Silva
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Prof. Dr. Bruno Jareta de Oliveira
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Prof^a Dr^a Ana Silvia Lopes Davi Médola
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

“Oh meu corpo, sempre faça de mim um homem que questiona”
Franz Fanon

AGRADECIMENTOS

A minha família por todo apoio durante esse período na graduação e em especial a minha mãe Valéria, a minha avó Elena, minha irmã Victoria e ao meu tio Valmir por serem os principais pilares que me sustentaram e auxiliaram em todos os momentos. Sem todo esse suporte, não seria possível alcançar mais esse sonho, serei eternamente grato pela vida de vocês!

Aos meus amigos Ab, Desc, Frod, Greys, Guilherme, Kátia, Oly, Rubi, Scar, Sebastian, Solo e San que me acompanharam nessa aventura que foi a graduação na Unesp e que sem dúvida trouxeram um brilho maior aos meus dias, foram *afago e oásis nas melhores e piores fases*. Com vocês pude me desenvolver pessoalmente e me conhecer como nunca.

Um agradecimento especial a Fifi, por sempre se colocar a disposição para ouvir e ajudar, sem dúvida o projeto não seria o mesmo sem ela, aos meus roomies Ab, Katia e San que se tornaram verdadeiros irmãos e ao Guilherme por todo amor e afeto.

A ong Bem da Madrugada, pois foram peças essenciais no desenvolvimento deste trabalho e a minha equipe Desc, Kame, Solo, Truman e Stela pela excelente parceria na produção deste trabalho.

Agradeço a The Walt Disney Company e ao Coletivo T'Challa pelo período de grandes aprendizados e realizações pessoais e profissionais.

Também agradeço a prof^a Larissa Pelúcio e ao prof^o Bruno Jareta, por aceitarem contribuir com seus conhecimentos e me apoiarem neste trabalho, e a prof^a Ana Silvia Médola por ter aceitado o convite para a Banca Avaliadora trazendo suas contribuições.

E por fim a Unesp, por oferecer um ensino gratuito e de qualidade, com profissionais de excelência e proporcionar um desenvolvimento que levarei para toda a vida. Foi uma experiência extremamente enriquecedora!

RESUMO

Segundo o Padre Júlio Lancellotti, “com o aumento da miserabilidade e da pobreza, o número de pessoas em situação de rua também aumenta e proporcionalmente aumenta a rejeição”. Dessa forma, o presente trabalho visa retratar as histórias dos cidadãos em situação de rua não apenas em seu quadro atual, mas também traçando paralelos a partir de suas origens e as perspectivas de futuro de cada indivíduo, oferecendo um espaço em que possam falar sobre seus desejos e anseios, possibilitando um olhar mais humanista e empático daqueles que assistirem ao documentário. Assim, utilizando-se de conceitos da Antropologia que debatem Raça, Gênero e Sexualidade, veremos como é a relação desses corpos com as suas individualidades e dicotomias, em um contexto de constantes agressões e preconceitos que o espaço público e a população impõem.

Palavras-chave: Documentário; Situação de rua; Raça; Gênero, Sexualidade; Biopoder; Corpo-território

ABSTRACT

According to Priest Julio Lancellotti, "with the increase of misery and poverty, the number of people living on the streets also increases and rejection increases proportionally". In this way, the present work aims to portray the stories of the citizens living on the streets not only in their current situation, but also drawing parallels from their origins and the future perspectives of each individual, offering a space where they can talk about their wishes and desires, enabling a more humanistic and empathetic look to those who watch the documentary.

Thus, using concepts from Anthropology that discuss Race, Gender and Sexuality, we will see how the relationship of these bodies with their individualities and dichotomies is, in a context of constant aggression and prejudice that the public space and the population impose.

Keywords: Documentary; Street situation; Race; Gender, Sexuality; Biopower; Body-territory

TABELA DE FIGURAS

Figura 1 - Ação com a organização Entrega por SP	28
Figura 2 - Moradia improvisada chamada “formigueiro” de moradores em situação de rua	31
Figura 3 - animal de estimação dos moradores do “formigueiro”	31
Figura 4 - Conversa com morador de rua e entrega do kit de alimentação e higiene.....	32
Figura 5 - Conversa com morador de rua e entrega do kit de alimentação e higiene.....	33
Figura 6 - Conversa com morador de rua e entrega do kit de alimentação e higiene.....	34
Figura 7 - Voluntários do Bem da Madrugada Bauru na ação de número 60 2022...34	
Figura 8 - Print do Quadro do Trello na fase de Pesquisa, Pré Produção e Relatório.....	41
Figura 9 - Voluntários do Bem da Madrugada Bauru na ação de natal 2022.....	47
Figura 10 - Gravação de uma das entrevistas do documentário durante à ação de Natal	48
Figura 11 - Print de um trecho da vinheta do programa Saia Justa (GNT).....	53
Figura 12 - Pôster do filme “Ela e Eu”.....	53
Figura 13 - Capa do álbum “Convoque seu Buda”do rapper Criolo.....	54
Figura 14 - Print dos créditos do videoclipe “Baby95” da cantora Liniker.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista da equipe e suas respectivas funções.....	35
Tabela 2 - Print do Cronograma 1 relativo às estimativas de datas para realização do Projeto Experimental em sua totalidade	38
Tabela 3 - Print do Cronograma 2 relativo às Reuniões, Gravações e Pós Produção	39
Tabela 4 - Listagem dos equipamentos utilizados e seus respectivos responsáveis.....	41
Tabela 5 - Planilha de custos	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
CORPO TERRITÓRIO: O BIOPODER EXERCIDO SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.....	18
ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	26
4. PRÉ PRODUÇÃO.....	27
4.1. Ideia.....	27
4.2. Parceria.....	29
4.3. Pesquisa de Campo.....	30
4.4. Equipe.....	35
4.5. Reuniões, cronograma e equipamentos.....	36
4.6. Roteiro.....	42
4.7. Produção Executiva.....	43
5. PRODUÇÃO.....	44
5.1. Gravações.....	44
5.2. Dia 1.....	45
5.2. Dia 2.....	45
5.3. Dia 3.....	46
5.4. Entrevistas.....	48
6. PÓS PRODUÇÃO.....	50
6.1. Definindo a narrativa.....	50
6.2. Montagem e Edição de Som.....	51
6.3. Videografismo.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
APÊNDICES.....	59

1. INTRODUÇÃO

A segregação social é um problema que sempre esteve presente na sociedade e que possui diversos motivos para sua ocorrência, sendo o principal deles a omissão do Estado frente a essa realidade, a falta de políticas públicas que garantam o bem-estar social bem como a proximidade dessa instituição com o mercado que, mesmo possuindo extrema relação com esse quadro, abdica de sua culpa e influência, colocando a efetivação das soluções apenas para os órgãos governamentais.

Sendo a “população em situação de rua” parte dessa conjuntura, que demonstra a olhos vistos a ausência do Estado e um importante objeto para entendermos como se deu a construção social e a criação das políticas públicas, a mesma torna-se tema deste projeto com forte embasamento no marcador social de Raça que durante toda a realização da pesquisa e produção demonstrou ser o campo mais presente e sensível comparado com os demais marcadores sociais que serão mencionados ao longo da pesquisa.

Apesar do intuito principal do formato seja abordar suas vivências, isto não significa que represente a realidade «tal como ela é»: o documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjetiva da realidade (SOARES, 2007).” Dessa forma, o filme abordará as histórias desses cidadãos invisibilizados por meio de um olhar mais humanista dos personagens e dos contextos em que estão inseridos. Na maioria dos casos em que esse grupo é apresentado, a narrativa criada inviabiliza seus desejos, sonhos e opiniões e a ideia é contrapor todo esse imaginário.

Para isso foi escolhida uma cidade do interior paulista como cenário principal mostrando como o espaço público interfere no privado, focalizando possíveis comparações de vivências dos personagens dessa cidade com os muitos que vivem nas grandes metrópoles, como São Paulo, aliado as falas de um olhar sensível de voluntários da ong “Bem da madrugada”, que foram os principais colaboradores no desenvolvimento e realização do projeto.

O primeiro capítulo “O gênero documental” abordará aspectos técnicos do formato a partir de exemplos bem como suas metodologias, possibilitando um entendimento do fazer artístico.

Já o segundo capítulo “Corpo território: O Biopoder exercido sob a população em situação de rua” discorre sobre como esse biopoder exerce força

sobre esses corpos já vulneráveis considerando os marcadores Raça, Gênero e sexualidade por meio de estudiosos como Marcos Leandro Mondardo, Rogério Haesbaert, Franz Fanon e Kabenguele Munanga , esclarecendo questões subjetivas sobre essa pauta e como as mesmas interferem nas vivências de cada um.

Por fim, o último capítulo “Organização da Produção” trará detalhes sobre as pesquisas iniciais, a pré-produção do documentário, a produção com todas as dificuldades, conquistas e aprendizados chegando ao final com a pós produção, momento este em que a narrativa é construída.

O GÊNERO
DOCUMENTÁRIO



Antes do estilo documentário se estabelecer da maneira que o conhecemos hoje, ele passou por modificações significativas no que condiz ao seu processo de produção, pois anteriormente era análogo ao cinema de ficção.

Entre as décadas de 20 e 50, o gênero era denominado Documentário Clássico devido a narrativa criada ser pautada em um formato de roteiro planejado, segundo o autor Sérgio J. Puccini Soares, fazendo com que toda a produção se tornasse rígida.

Foi no fim da década de 50 que houve uma ruptura com este modelo sendo criado o chamado Documentário direto americano, mais flexível devido a chegada da câmera 16mm e do magnetofone, gravador que propicia o registro do som em fita magnética feito em sincronia com a imagem, dessa forma, o desejo de realizar um audiovisual mais real sem toda a grande estrutura utilizada anteriormente tomou lugar e foi se estabelecendo ao longo dos anos seguintes. Soares (2007, p. 20) define o documentário como,

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da idéia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva.

A partir desse momento podemos citar dois formatos de documentário realizados atualmente e que se diferenciam pela forma que utilizam o roteiro e estruturam a narrativa. O primeiro deles é o Documentário Real, que busca registrar o que existe de mais genuíno nos personagens e fatos que documentam sem a utilização de um roteiro formal. Nesse caso a roteirização será feita por meio da montagem, após o recolhimento de um material extenso de imagens, documentos, entrevistas e/ou arquivos. Para Soares (2007, p.39) a roteirização de um documentário se dá pela seguinte forma,

O discurso do filme documentário tem por característica o de ser um discurso sustentado por ocorrências do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido como no caso do discurso narrativo ficcional.

Esse formato é mais identificável pelo grande público devido ao estilo de imagem e som, como exemplo temos um dos mais famosos, senão o mais conhecido, Edifício Master (2002) do renomado diretor Eduardo Coutinho e o indicado ao Oscar, Democracia em Vertigem (2019) da diretora Petra Costa.

O segundo é o chamado Docudrama, se trata da produção de uma história que mescla realidade e ficção por meio de um script clássico que direciona toda a filmagem. Em geral, essa escolha proporciona um maior controle da narrativa e uma liberdade para que cenas possam ser inseridas valorizando o personagem ou um acontecimento, tanto em cinema como em televisão. Pela definição de Soares (2007, p.40) temos,

O docudrama se define pela reconstituição dramática de fatos históricos em que, na maioria dos casos, inexistente a figura explícita de um narrador manifestada através de uma voz over.

Podemos citar como exemplo o filme Carandiru (2003) de Hector Babenco e Elis: viver é melhor que sonhar (2018) de Hugo Prata, ambos são histórias de pessoas e fatos reais que foram transferidos para um universo ficcional possibilitando contá-los de uma maneira dramatizada.

Segundo Dwight Swain em seu livro “Film scriptwriting”, *“a produção de um filme documentário é guiada por leis internas próprias que variam de filme para filme ou mesmo de produtor para produtor, fato esse que obriga o roteirista a trabalhar com uma **flexibilidade** maior (...)”*

Em seu livro, Soares descreve algumas etapas que o documentarista deve se apoiar para realizar um bom filme, e no lugar do roteiro ele sugere a criação de um documento denominado *Proposal*, ou Proposta de Filmagem, devendo conter as principais informações acerca do projeto. Essa ideia é confirmada por Alan Rosenthal (1996, p.25) em seu livro *“Writing, directing, and producing documentary films and videos”*,

“Ela irá mostrar sua hipótese de trabalho, sua linha de investigação, seu ponto de vista sobre o assunto e todas as suas possibilidades dramáticas. Mas sua finalidade principal é convencer alguém, ou alguma instituição, que você tem uma boa idéia, que você sabe o que quer fazer, que você é uma pessoa eficiente, profissional, criativa, e que você

merece, dessa forma, o suporte financeiro para o filme, a despeito de qualquer outra concorrência.”

Essa proposta de trabalho é advinda da indústria americana e inglesa, no Brasil podemos encontrá-las por meio dos editais de fomento público ou privado. No entanto, Rosenthal afirma que este documento não serve como uma base para a organização da produção, devendo haver posteriormente um aprofundamento do material que servirá como guia das filmagens.

A partir dessa ideia entramos em uma nova etapa e uma das mais importantes, a Pesquisa. Segundo Rosenthal, *"dentro dos limites de seu assunto, você deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante."* (ROSENTHAL, Alan.1996, p. 37.) E, para que esse objetivo seja alcançado, o mesmo sugere que a pesquisa pode se apoiar em materiais impressos, de arquivo (filmes, fotos, arquivos de som), entrevistas e/ou pesquisa de campo nas locações de filmagem. Durante esse processo, o diretor e sua equipe devem se munir da maior quantidade de conhecimento sobre o assunto para que a flexibilidade padrão desse formato não tome conta da história que se deseja narrar e impacte negativamente a produção.

Após o planejamento de filmagem o próximo passo se trata da definição dos métodos que as entrevistas serão captadas. Em relação ao enquadramento os mais usuais são plano médio, primeiro plano e close up, independente da localidade, e o uso ou não do tripé se trata da escolha do diretor em manter uma maior mobilidade ou estabilidade da imagem. Segundo Soares (2007, p.138),

"Em entrevistas previamente agendadas, é conveniente a utilização de tripé para uma maior estabilidade da imagem e menor sacrifício do operador de câmera, especialmente no caso de entrevistas longas. No caso de entrevistas de rua, tipo povo fala, não há sentido em se utilizar tripé. A movimentação propiciada pela câmera na mão fica perfeitamente de acordo com o espaço em que ocorre a entrevista."

O direcionamento do olhar também é outro ponto sensível aos documentários, dependendo da posição do entrevistado em relação a câmera e ao entrevistador ele pode denotar uma certa dispersão tanto pela presença de outras pessoas ao redor ou uma relação mais intimista, muito usual dos programas de tv e telejornais. Além

disso, a escolha da locação pode trazer um conforto ao entrevistado ou acabar com a espontaneidade do mesmo.

Como dito anteriormente, os conceitos levantados acima sobre o fazer fílmico de um documentário são mais gerais e servem para aqueles que não definiram ainda sua forma de documentar os temas escolhidos. Dessa forma, vale ressaltar um pouco como o diretor Eduardo Coutinho trabalha com essa plasticidade por meio da análise da autora Consuelo Lins (2004, p.101),

Para o diretor, o crucial em um projeto de documentário é a criação de um dispositivo, e não o tema do filme ou a elaboração de um roteiro – o que, aliás, ele se recusa terminantemente a fazer. O dispositivo é criado antes do filme e pode ser: ‘Filmar dez anos, filmar só gente de costas, enfim, pode ser um dispositivo ruim, mas é o que importa em um documentário’.”

Para Coutinho, nada mais importava do que a verdade construída pelo personagem e a entrevista por si mesma sem qualquer exagero técnico e discursivo, sendo a mesma regra utilizada na edição de seus filmes, dificilmente vê-se planos mais abertos entre o entrevistado e o espaço entorno, a utilização de inserts e a desconcentração espacial. Esse pensamento, para Consuelo Lins autora do livro “O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo” é retrato de uma antítese presente na produção de qualquer documentário pois, ao mesmo tempo que confirma a importância da escolha de um procedimento ela diz que isso não garante a realização de um bom filme, e é dessa relação ambígua que os registros feitos tiram força, graça e possibilita sua constante reinvenção. Com isso em mente, vamos para a fase final que se trata da montagem.

Nessa etapa é onde o filme adquire forma por meio das mãos do montador, esse profissional possui um papel muito relevante pois, soma-se a essa montagem o papel de roteirista, devido a organização de uma linha narrativa feita pelo mesmo em cima de um material composto por filmagens aleatórias. Assim, esse processo acaba ganhando um nível de autonomia criativa considerável e essa autonomia é comentada por Karel Reisz (1978, p.123),

“O que o diretor de documentários perde com a falta de suspense de um enredo, é compensado pela liberdade de montar os filmes de modo original e expressivo. Não está preso a uma estrita cronologia de eventos, imposta por um argumento de estúdio; ao

contrário, pode apresentar as facetas do seu tema e alterar a atmosfera do filme na ordem e no ritmo que desejar. As imagens com as quais trabalha não são “amarradas” a uma trilha sonora: o diretor pode fazer experiências com som direto e comentários sonoros. E o que é mais importante: tem maior liberdade de interpretação que um diretor de filme de ficção, porque é a interpretação – a montagem – que dará vida ao seu assunto.

Dessa forma o mesmo resume em sua análise que o olhar puro direcionado ao material recebido pelo montador enriquece ainda mais a edição pois ele está distanciado de todos os problemas de filmagem e sem pré julgamentos, a isso Martin (1990, p. 131 e 134) nomeia de “*montagem expressiva*”,

“Chamo de montagem narrativa o aspecto mais simples e imediato da montagem, que consiste em reunir, numa seqüência lógica ou cronológica e tendo em vista contar uma história, planos que possuem individualmente um conteúdo fatural, e contribui assim para que a ação progrida do ponto de vista dramático (o encadeamento dos elementos da ação segundo uma relação de casualidade) e psicológico (a compreensão do drama pelo espectador). Em segundo lugar temos a montagem expressiva, baseada em justaposições de planos cujo objetivo é produzir um efeito direto e preciso pelo choque de duas imagens; nesse caso, a montagem busca exprimir por si mesma um sentido ou uma idéia; já não é mais um meio, mas um fim. (...) Mas é evidente que não há uma separação nítida entre os dois tipos: há efeitos de montagem que ainda são narrativos e, no entanto, já possuem um valor expressivo.”.

O roteiro de edição não se valerá apenas do *Proposal* ou das experiências de produção, a imagem obtida pode facilmente subverter todo o plano ou expectativas idealizadas criando novos focos de interesse para o filme. Segundo Alan Rosenthal, um dos melhores métodos é o sequenciamento das cenas a partir de post its por exemplo, dessa forma ficarão mais claras as entradas e saídas bem como o assunto discutido uma vez que é tão importante definir a forma que o filme será iniciado como também como será finalizado, a fim de extrair qualquer informação não relevante e saber onde o filme já passou todo o conteúdo informativo evitando redundância ou cansaço.

CORPO TERRITÓRIO



**O BIOPODER EXERCIDO
SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**

Diversos são os estudos e conceitos que atravessam a pessoa em situação de rua muito por conta desse contexto ser a consequência de uma reunião de fatores sociais, políticos e econômicos que perpassam a vida de cada indivíduo e possibilitam a sua degradação ou, em casos extremos, a aniquilação desses corpos. Partindo do ponto de que grande parte do conhecimento gerado acerca da sociedade foram baseados por meio de um viés capitalista e conservador, pode-se concluir que as mazelas presentes atualmente são frutos dessa construção primordial.

Antes de darmos início ao desenvolvimento dos conceitos mais profundos da presente pesquisa, é necessário definirmos o que seriam as “pessoas em situação de rua” e diferenciarmos essa categoria dos chamados “moradores de rua”, termos que frequentemente são equiparados pela sociedade em geral. No primeiro caso, e foco principal da pesquisa e do filme baseado nela, entende-se como “pessoas em situação de rua” aquele grupo que de forma temporária ocupa durante a noite praças, viadutos, pontes e prédios abandonados e durante o dia se deslocam pelas regiões centrais realizando trabalhos informais como catadores de material reciclável, flanelinhas, trabalhadores da construção civil, limpeza ou carregadores e que possuem possibilidades de encontrar algo melhor. O mesmo não se pode dizer quando chamamos uma pessoa ou grupo de “morador(es) de rua”, este termo abarca de forma inconsequente uma variedade de perfis presentes nas ruas, como usuários de droga, “trombadinhas” e que sugere uma condição social permanente desses indivíduos, desconsiderando qualquer nuance ou heterogeneidade na vida de cada um. Além desses dessas duas nomenclaturas, vale ressaltar um grupo denominado “trecheiros”, ao contrário dos outros dois acima que permanecem na mesma cidade ou estado, este por sua vez se trata de pessoas que se deslocam entre cidades e estado de forma frequente e não estabelecem moradia em nenhuma delas, sobrevivendo também de trabalhos informais e ajudas filantrópicas.

Diversos são os motivos que levam esses invisibilizados sociais a ocuparem as ruas como o desemprego, falta de relação com a família seja por afinidade, violência ou até mesmo a ausência de parentes, uso de drogas e alcoolismo e também crises sanitárias como vivenciamos durante a pandemia de COVID-19 e que gerou um aumento de 38% no número de pessoas em situação de rua no Brasil entre 2019 e 2022, quando atingiu 281.472 pessoas segundo uma estimativa divulgada pelo IPEA (Instituto de pesquisa econômica aplicada). De acordo com

outra pesquisa realizada pelo Conselho Nacional do Ministério Público realizada no ano de 2015 vale enfatizar um dado, mesmo que antigo, de que a época pessoas em situação de rua se caracterizavam predominantemente por homens (82%) sendo 67% negros, percentual superior a população brasileira e que podemos utilizar como norteador do marcador social de raça e afirmar que o mesmo seria o grupo mais vulnerável.

Segundo Marcos Leandro Mondardo, autor do texto “O Corpo enquanto “Primeiro” Território de Dominação: O Biopoder e a Sociedade de Controle”, o corpo sempre foi produto e produtor das relações sociais e territoriais, ele cria vida e espaços ao mesmo tempo em que “está se criando espacialmente” e, considerando essa última frase, a mesma resume a situação das pessoas que precisam se criar em um ambiente tão hostil como as ruas e que ficam a mercê do controle do Estado e da burguesia, mesmo possuindo todos os direitos humanos daqueles que vivem fora das ruas. Mondardo (s.d, p. 1) acrescenta,

“A medida que a sociedade de disciplina dos corpos-indivíduos dos séculos XVII e XVIII se transformou em sociedade de controle e segurança de massas de corpos nos séculos XIX e XX, esta passou a desenvolver uma nova forma de dominação e controle do território-corpo desenvolvendo-se o biopoder, ou seja, o controle/agenciamento da vida.”

Considerando a classe trabalhadora que desde sempre foi controlada pelas regras da burguesia o impacto é outro, esse corpo já sofria dos preconceitos raciais e/ou de gênero e ainda não tem a mesma facilidade de criar ou estar em espaços que proporcione o mínimo dos direitos básicos necessários para uma vida digna, sendo relegados a condições degradantes. Para (MOREIRA, 2002, p. 50) “Os espaços são controlados através de relações de poder, que podem se expressar concretamente a nível político, econômico e simbólico formando e (trans)formando os “territórios-corpos”.

Esse controle da mobilidade alheia, seja ela territorial, de ensino, laboral ou econômica tem o único objetivo de manutenção e/ou reprodução do *status quo*. Para Lênin (1983, p. 11) “o Estado se caracteriza, em primeiro lugar, pela divisão do súditos segundo o território”, pois, através desta distribuição dos corpos pelo território é que se tem a localização dos sujeitos e, assim, pode-se estrategicamente

manter o controle e a dominação dos corpos sabendo onde cada “sujeito-corpo” se localiza.

Estar vulnerável as condições da rua é a mesma coisa que extrair da pessoa a autonomia de escolha da forma como a mesma quer viver e se poderá viver, já que são muitos os casos de morte devido a fome ou agressões físicas. Com o intuito de minimizar toda essa situação e denunciar todas as problemáticas que envolvem esse tema, que organizações sem fins lucrativos se fazem presentes.

Frente a todo esse cenário recentemente o termo “**aporofobia**”, que significa aversão, medo, desprezo ou rejeição aos pobres, criado por volta dos anos 1990 pela escritora e filósofa espanhola Adela Cortina e que foi difundido pelo Brasil a partir de uma campanha organizada pelo padre Júlio Lancellotti, da Pastoral do Povo da Rua, de São Paulo, contra as cidades que incentivam a rejeição e passividade dos cidadãos tendo em vista as necessidades visíveis nas ruas de todo o Brasil.

Para a filósofa, o problema em questão deriva de uma origem biocultural, ou seja, “advém de uma tendência humana comprovada pela antropologia evolutiva, de priorizar as relações e pessoas que nos ofereçam algo em troca. Quem não tem nada a oferecer em termos práticos – como seria o caso da população em situação de rua, por exemplo - é instintivamente deixado de lado”.

Partindo das análises de Michel Foucault sobre as intensas mudanças relacionadas ao Poder que ocorreram no século XVIII, podemos destripar esse tema por meio de duas de suas obras, “*Sexualidade 1*” e “*Vigiar e Punir*” onde em ambas o direito de morte e o poder sobre a vida era alocado ao soberano sob seus súditos e filhos; somando a isso o Foucault acrescenta o estudo de dois pilares: as disciplinas e o controle sobre o corpo dos indivíduos e a biopolítica e o domínio sobre os processos biológicos da população que, segundo ele: “exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações, as utiliza [...]. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” (FOUCAULT, 2006, p. 172).

Na sociedade do controle tanto se fala em segurança e respeito as individualidades que cria-se o universo de uma "pseudo segurança", ao passo em que se escolhe os corpos a serem defendidos e negando esse direito aos que moram nas ruas, que são obrigados a criar seus próprios mecanismos de sobrevivência pois são considerados corpos perigosos e abjetos não só pelo Estado, mas por um poder capilarizado no dia a dia das populações.

Com a virada para o sistema capitalista, Foucault afirma que houve uma mudança do corpo como alvo para instrumento de poder “as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 2014, p. 29). Dessa forma a dominação não precisava mais ser feita de forma violenta mas por meio da alteração das forças de trabalho que passaram a ser tornar calculadas e a partir disso os indivíduos são hierarquizados, homogeneizados e, caso não se enquadrem nesse processo, excluídos, e é desse controle sutil que originou-se o Biopoder.

Vale ressaltar que essa ideia de corpo território é mais facilmente encaixada na cultura latina que está lincada com as constantes explorações do corpo e do território, pois a defesa da vida e da existência sempre foram o cerne dessa população, ao contrário da dinâmica eurocêntrica que possui o enfoque na divisão geopolítica, digamos assim, sem nenhuma relação com o indivíduo. Segundo Rogério Haesbaert (2020, pág 78) “Na América Latina o território é lido frequentemente no diálogo com os movimentos sociais, suas identidades e seu uso como instrumento de luta e de transformação social”

Aliado a isso, um ponto de vista bem interessante e que posso considerar como um ponto nevrálgico na discussão que engloba tanto a questão dos marcadores sociais como do biopoder é, Segundo Haesbaert apud Porto Gonçalves (2013[2008], p. 169)

“Um dos traços fundamentais do pensamento decolonial, segundo Quijano (1992, 2010), é a “colonialidade do poder”, marcada por profunda herança escravista e patriarcal onde proliferam até hoje violências de classe, de raça e de gênero. Outro traço dessa episteme que nos interessa muito de perto, aqui, é dar voz aos invisibilizados, aos grupos subalternos e suas formas de saber. Daí tratarmos o território, nessa ótica, como territórios de r-existência

Essa resistência, segundo ele, advém de uma ideia dos movimentos indígenas e ecofeministas que possuem o objetivo de exercer ainda mais seu poder e se colocarem como corpos livres e autônomos. Nesse sentido pode ser incluído o pensamento de Joseli Silva e Marcio Ornat que diz que “o corpo não pode ser tratado de modo neutro e universal, pois tem raça, sexualidade e gênero – além, é claro, de idade (faixa geracional) e classe socioeconômica”. (SILVA E ORNAT, 2016)

Dessa forma temos claro que a sujeição dos indivíduos vai além da questão da consciência e força de trabalho, mas também considera o biológico. Cada pessoa em situação de rua se vê obrigada a tornar seu corpo a estrutura central de sua vida, pois é a partir dele, e apenas com ele, que seu senso de liberdade, segurança e desejo são colocados em prática dando o mínimo de noção de realidade e vida, já que todo o resto foi tirado. Foucault identifica dois pilares principais sob os quais esta mudança se fundou: “a consideração do corpo-máquina, seu adestramento baseado na docilidade-utilidade, a ampliação de suas habilidades e a sua fixação no aparelho de produção a partir das disciplinas anátomo políticas do corpo (Cf. FOUCAULT, 2017b, p. 150).

“Na exploração, é o “corpo” que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o “corpo” o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores. (...) Nas relações de gênero, trata-se do “corpo”. Na “raça”, a referência é ao “corpo”, a “cor” presume o “corpo”. Quijano (2010, p. 126),

Em relação aos mecanismos de controle exercidos pelo Biopoder, Foucault denomina-as como *cercas*, segundo ele “esse encarceramento ocorre em colégios, presídios, quartéis e fábricas” (Cf. FOUCAULT, 2014, p. 139-140) e que no público em questão pode ser visto nas instituições de saúde ou de cunho religioso que possuem o papel de acolhimento. Em muitos casos, esses indivíduos precisam se adequar a tantas regras que o convívio torna-se impossível fazendo-os optar sempre pela liberdade das ruas, dessa forma a organização de um espaço analítico facilita tanto a observação dos indivíduos quanto sua utilização eficaz (Cf. FOUCAULT, 2014, p. 140). Acrescenta-se a essa ideia uma passagem de Lemke (2011, p. 4-5),

O objeto da biopolítica não são os seres humanos singulares, mas seus recursos biológicos medidos e agregados ao nível de populações. Este procedimento torna possível definir normas, estabelecer padrões. Como resultado, ‘vida’ se torna um fato independente, objetivo e mensurável [...] praticamente separada dos seres vivos concretos e da experiência individual de singularidade

Fazendo um paralelo a esse ponto e particularizando o marcador racial, mais vulnerável dentro das pessoas em situação de rua, podemos considerar a obra de Franz Fanon, um renomado psiquiatra, político e filósofo que ficou conhecido por trabalhar a sua obra a partir dos estudos pós-coloniais, da teoria crítica e do marxismo. Para o meu projeto utilizarei duas de suas abordagens sendo, o materialismo estratégico e o humanismo radical.

Como mencionado acima, não podemos trabalhar em nenhuma pauta a partir de um olhar universal e isso seria para Fanon o materialismo estratégico, ele afirma que só a partir de uma visão ampla sobre a emancipação a partir de uma base material com ações voltadas para a política, educação e cultura que haverá uma destruição do racismo estrutural criado no colonialismo. Para Fanon, a exaltação da cultura negra não é uma ferramenta para emancipação concreta mas sim a luta contra os mecanismos de dominação, tais como: de que o negro não possui história, que as religiões de matriz africana são coisas do demônio, que na escravidão os escravizados eram passivos e não lutavam, entre outros.

Segundo sua obra, o branco e o negro são pares dialéticos de um mesmo sistema criado pela modernidade burguesa, e é nesse momento que faço a reflexão a partir do seu outro ponto, o humanismo radical. Esse pilar trabalha por meio da desracialização das relações sociais pois o sistema racista nega a condição de ser humano para o negro, para o conhecimento socialmente estabelecido o branco estará mistificado (preso) na noção de superioridade e o preto estará alienado (preso) na noção de inferioridade, sendo o homem branco colocado como um ser universal e todos que estão a margem disso, desviantes. Assim, de acordo com Franz Fanon (1952, pág n.p) “Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando à edificá-lo conjuntamente”

O colonialismo é entendido como uma dimensão que traduz relações concretas, embora a escravização colonial tenha se tornado obsoleta, a estrutura da construção racial pautada na violência se tornou intocável e por meio da qual o Estado e o mercado regulam-se buscando manter a escravização ou a imobilidade dos corpos.

No Brasil esse racismo estrutural pode ser nomeado também como “racismo a brasileira”, considerando o fato de que o mesmo possui características muito particulares comparadas com o racismo exercido nos Estados Unidos ou em outros

países europeus. Para a sociedade brasileira a “democracia racial” sempre foi o tema principal nas discussões sobre essa temática, um país onde a valorização do mito da igualdade dos cidadãos sempre norteou a implantação dos direitos e deveres de todos, no entanto, por trás desse véu de igualdade se esconde um racismo perverso que ao invés de oferecer o usufruto do que é produzido em todo território, restringe o reconhecimento da raça e a promoção das suas identidades.

Potencializando ainda mais esse raciocínio, Kabengele Munanga em seu texto “A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças” (2014, pág. 37) traz o seguinte questionamento: “Como a sociedade brasileira lida na atualidade com essa complexa questão que envolve, ao mesmo tempo, a defesa dos direitos humanos, a justiça distributiva, o direito de ser ao mesmo tempo igual e diferente, a construção da cidadania, da identidade e da consciência nacional?” e foi pela falta de uma resposta para perguntas como essa que o Brasil (não) construiu políticas protecionistas equivalentes ao tamanho das necessidades de populações como essa. Além disso, ele completa dizendo que qualquer proposta de reconhecimento dessas diferenças poderiam acarretar em um desconforto social ao trazer um enfoque a existência de raça e eliminando o equilíbrio social tão desejado por todos.

Ao contrário dos Estados Unidos em que a presença de apenas uma gota de sangue preto o categoriza como um ser racial os mobilizando para a reivindicação de sua identidade, no Brasil quanto mais você suprimisse suas características enquanto um indivíduo racializado melhor seria para sua “inclusão” social, e infelizmente esse é o retrato atual favorecendo o descarte desses corpos pelo Estado e conseqüentemente proporcionando a perpetuação dos valores do grupo dominante.

ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO



4. PRÉ PRODUÇÃO

4.1. Ideia

A concepção da temática deste projeto foi sendo pensada a partir do 2º ano da universidade, momento em que o desejo em me dedicar a alguma causa social se fortalecia. Este desejo advinha das minhas vivências na minha cidade de origem, São Paulo, em que diariamente eu presenciava o contexto degradante da população em situação de rua, que demanda de cuidados variados devido ao perfil diverso desse grupo com pessoas de gênero, faixas etárias, sexualidades e níveis de escolaridade variados.

No período em que estudava artes cênicas, entre 2010 e 2015, me locomovia da zona norte até o centro antigo da capital, na região da Barra Funda, e todo aquele cenário ficou marcado na minha mente e sempre que tinha a possibilidade buscava informações sobre.

Durante algumas visitas a SP, estando na faculdade, buscava ajudar algumas ongs que trabalham com esse público com alguma doação, e no dia 20 de janeiro de 2020 participei da minha primeira ação com a ong Entrega por SP, e que foi voltada para a montagem dos kits que seriam distribuídos na próxima ação nas ruas e que vemos na foto abaixo.

Figura 1 - Ação com os voluntários da ong Entrega por SP realizada em um galpão no centro da capital paulista



Fonte: perfil na rede social Instagram da organização Entrega por SP

Neste ano estava focado em ser mais ativo nas ruas, conhecendo de perto as histórias e vivências daqueles que eu sempre passava perto, mas nunca dediquei tempo e atenção, a doação de maior valor para quem está nessa situação.

Alguns dias após essa minha participação voltei para Bauru, e todo o meu planejamento caiu por terra com a chegada do vírus da COVID-19. Dessa forma, nos dois anos de pandemia refleti sobre a possibilidade de voltar a colaborar com essa pauta a partir do trabalho de conclusão de curso, e sempre que podia trabalhar a temática de documentário ou desse grupo tão marginalizado fazia dentro das atividades da universidade, desenvolvendo cada vez mais a ideia que agora se concretiza.

4.2. Parceria

Sabendo da delicadeza de se tratar um assunto como esse e da necessidade de contar essas histórias da forma mais respeitosa possível, o primeiro passo foi focar em conhecer melhor as organizações que pudessem dar um respaldo durante toda a produção. Devido ao fato de estar estagiando em uma empresa com escritório na capital e do meu desejo em trabalhar presencialmente, a ideia de realizar o filme em São Paulo foi fortalecida, pois seria um lugar em que eu estaria realizando atividades relacionadas à universidade e ao trabalho.

Além disso, alguns outros motivos sustentaram essa proposta como a grande variedade de pessoas que tratam do assunto na capital, do grande número de moradores nas ruas e da própria cidade ser um grande personagem a ser retratado, sendo todo o pré-projeto montado com essa finalidade. No entanto, prestes a iniciar o último termo, com prazo super apertado para iniciar a produção e sem sucesso na montagem de uma equipe, mudei todos os planos para gravar em Bauru, ação esta que de início me frustrou bastante mas no fim percebi que foi a mais segura e assertiva em diversos aspectos como a facilidade em montar a equipe, a obtenção dos equipamentos, controle da situação nas gravações, a recusa de algumas ONGs em “autorizar” pessoas no grupo que filmem e fotografem e principalmente segurança, já que existem muitas pessoas que se passam por moradores de rua mas que apenas realizam a venda de drogas e furtos, sendo um ponto importante a ser diferenciado por toda a sociedade, e que no interior é menos comum.

Após desabafar sobre essa frustração com o Abnadabe, um amigo que divide apartamento comigo, ele me trouxe a sugestão de entrar em contato com a ONG Bem da Madrugada, sugestão essa advinda de um veterano nosso chamado Sillas Carlos, depois de uma conversa que tiveram sobre a minha dificuldade em remontar todo o projeto.

Prontamente entrei em contato com o grupo, e felizmente tive um retorno positivo. A ONG foi formada durante a pandemia e já se tornou uma das maiores, senão a maior, que trata do assunto em Bauru realizando a entrega de kits de alimentação, higiene, roupas e ações temáticas no dia das crianças e natal, por exemplo.

4.3. Pesquisa de Campo

Com o contato finalizado optei por ir sozinho em uma ação, sem ninguém da equipe, tanto para conhecer pessoalmente os voluntários como para entender a fundo como funciona as aproximações, conversas, os assuntos tratados, logística de entregas dos kits, analisar os aspectos técnicos que poderiam favorecer ou interferir as gravações e, principalmente, os possíveis riscos que cada um ali estava submetido, por se tratar de uma atividade realizada no período da noite.

Em todas as ações o grupo se encontra as 20h na rodoviária de Bauru, e todo o trajeto que percorre alguns pontos da cidade é realizado de carro, aqueles que vão sem podem pegar carona caso alguns voluntários tenham vaga. Neste dia o tempo estava favorável, uma chuva forte que começou no início da noite nos prendeu na rodoviária por 1h, e apesar de estarmos estagnados já estava sentindo o quão difícil poderia estar sendo para as pessoas que encontraríamos. Felizmente a chuva deu uma trégua e conseguimos realizar a entrega dos kits sem esse obstáculo.

Inicialmente, fiquei metade da ação apenas observando os mais experientes e analisando a recepção e conversas que encontrávamos, mas aos poucos fui me sentindo confortável para ser mais participativo, oferecendo minha atenção, escuta ativa e até mesmo uma oração que um dos moradores me pediu para fazer.

Foram mais ou menos 5 horas circulando, passando por lugares completamente escuros, hostis e degradantes que agridem não só aqueles que vivem, mas qualquer transeunte. Para citar alguns dos encontros que tivemos nessa noite, fomos para um local chamado “formigueiro”, uma verdadeira casa montada sob a arquibancada de um campo de várzea e coberto por plásticos grandes; lá morava uns 5 homens com seus cachorros de estimação, que apesar de estar debilitados nos receberam com muito carinho.

Figura 2 - Fotografia tirada de uma estrutura improvisada chamada “formigueiro”, moradia de um grupo de homens em situação de rua, durante nossa abordagem para entrega dos kits de alimento e higiene



Fonte: Matheus de Oliveira Jesus

Figura 3 - Um dos animais de estimação dos moradores do “formigueiro” que encontramos durante a nossa abordagem aos moradores do local



Fonte: Matheus de Oliveira Jesus

Outra situação que me marcou foi o encontro com um casal heterossexual, entre 40 e 50 anos de idade, deitado sobre panos finos no estacionamento de uma loja próxima a rodoviária, ao chegarmos com os kits fomos muito bem recebidos a mulher de inicio foi mais receptiva, nos dizendo a seguinte frase após a nossa abordagem, “graças a Deus que vocês chegaram, estava orando pra vir alguém porque estava morrendo de fome”. Dessa forma conseguimos nos aproximar mais facilmente e conhecer melhor a história deles.

Estavam em outra região da cidade, mas por conta da chuva tiveram que se deslocar. Ela estava com a barriga bem inchada, por conta de uma inflação que não saberei definir ao certo, por sorte tinham algumas voluntárias estudantes de medicina que orientaram como conseguir um tratamento seguro, além disso, o casal nos contou que ele tinha planos de ter filhos e regularizar suas documentações para alugar uma moradia, paga com benefícios recebidos do estado.

Conversamos com dois senhores também, na faixa dos 50 e 60 anos, sem muitas pretensões de sair daquela situação, acostumados com as ruas. Enquanto um se protegia e esquentava seu corpo com cobertas e um tecido de plástico, daqueles de piscina, outro circulava pelo centro descalço pedindo mais cobertores.

Figura 4 - Abordagem e conversa com morador de rua e entrega do kit de alimentação e higiene



Fonte: Matheus de Oliveira Jesus

Figura 5 - Conversa com morador de rua que abordou uma das voluntárias pedindo cobertas



Fonte: Matheus de Oliveira Jesus

Para finalizar, ouvimos 3 homens heterossexuais na faixa dos 30 e 55 anos, ao contrário de muitos que cruzamos eles estavam na frente de um banco, e o contraste estava posto e claro (literalmente) para qualquer um que passasse por ali.

Resumidamente, o homem na ponta direita com moletom da adidas teve uma recaída nas drogas e, mesmo tendo uma casa e um irmão com todas as suas capacidades físicas e mentais saudáveis, preferiu estar nas ruas a fim de não oferecer nenhum risco ou problema para ele. Apesar das condições, não apresentava nenhuma deficiência mental, muito pelo contrário, se apegava à religião e a leitura da bíblia esperando uma mudança pessoal.

O homem do meio de camisa vermelha e chapéu era casado e possuía filhos em Bauru, por conta de desentendimentos e vício com álcool escolheu as ruas como sua morada. Já o homem da ponta esquerda estava visivelmente debilitado, aparentemente estava bebendo durante o dia todo e apresentava muitas falas e histórias distorcidas sobre a bíblia.

Figura 6 - Conversa com moradores de rua e entrega do kit de alimentação e higiene



Fonte: Matheus de Oliveira Jesus

Figura 7 - Fotografia tirada ao final da ação de número 60 (2022) com os voluntários do Bem da Madrugada



Fonte: Perfil na rede social Instagram da organização Bem da Madrugada Bauru

4.4. Equipe

Antes de realizar a ação, pensei bastante em possíveis nomes que poderia convidar para me auxiliar em um trabalho tão diferente como esse, muito por conta da pandemia que impossibilitou o conhecimento de muitos alunos que entraram no curso e por desejar trabalhar com pessoas que eu tivesse liberdade e conforto, fiquei restrito a pouquíssimas pessoas, sendo mais um momento estressante devido a incerteza de saber que aqueles que eu conhecia aceitariam.

Realizado o primeiro encontro, já estava com os nomes mais certos na minha mente e me senti mais a vontade de convidar algumas pessoas do curso que eu conhecia para participar do projeto, mandei mensagem explicando a ideia, a logística das ações e brevemente o cronograma.

Com exceção da pessoa responsável pela direção de fotografia, obtive sucesso logo no primeiro contato com aqueles que encabeçaram a função de som direto, assistente de direção e assistentes de produção, edição e videografismo.

Optei por centralizar comigo algumas funções como roteiro, direção, produção e produção executiva muito por conta do formato, tema escolhidos e principalmente organização de diferentes agendas que possivelmente pudessem impedir as gravações. Entendendo melhor toda a dinâmica do processo que se iniciaria, uma equipe menor nas gravações possibilitaria um conforto dos voluntários e dos entrevistados; meu objetivo principal era estressar o mínimo possível todo o ambiente com uma equipe de filmagem, já que literalmente ninguém além de nós estavam habituados com esse universo da mesma forma que a equipe não estava acostumada com esse formato e tema.

Tabela 1 - Lista da equipe e suas respectivas funções

Função	Nome
Direção	Matheus de Oliveira Jesus
Assistente de Direção	Livia Borovac
Roteiro	Matheus de Oliveira Jesus
Produção	Matheus de Oliveira Jesus
Assistentes de Produção	Livia Borovac Mônica Dias

Fotografia	Tomas Eguchi
Som direto	Gabriel Marchi
Montagem	Guilherme Soares
Edição de som	Guilherme Soares
Videografismo	Fernando Bafi

Fonte: Google Docs

4.5. Reuniões, cronograma e equipamentos

Concluída essa primeira etapa de reconhecimento do objeto de estudo, marquei uma reunião geral com a equipe para explicar de forma mais detalhada o funcionamento das ações nas ruas, os riscos e as questões técnicas a se atentar durante as gravações.

Ao todo foram realizadas 2 reuniões gerais, 2 reuniões com a equipe técnica e 2 reuniões com a equipe de pós-produção. Com exceção dos encontros com toda a equipe, os demais eram realizados conforme a necessidade, sem um planejamento prévio, e toda e qualquer informação nova ou dúvidas eram discutidas nos nossos grupos de WhatsApp sendo 1 geral, 1 específico para a equipe Técnica e de Produção e 1 para a Pós Produção.

Além desse meio de comunicação, foi criado um drive compartilhado onde o material de todas as etapas de produção foram organizados entre as pastas de Pré-Produção, Produção e Pós Produção, garantindo assim uma centralidade de informações que facilitou todo o processo.

Em relação aos cronogramas realizei 2 modelos, o primeiro continha todas as etapas necessárias para realização do trabalho, desde as pesquisas até a data de entrega; um segundo modelo foi criado pensando apenas na Produção do documentário, que dizia respeito as nossas reuniões, datas de gravação e edição do material.

Todas as informações equivalentes a pesquisa, alguns detalhes da Pré Produção e Relatório foram organizadas na ferramenta Trello (cronograma 3). Apesar da organização, nem todas as datas seguiram a risca cada cronograma ou foram desconsideradas por questões internas ou externas, como a grande demanda de trabalho no estágio (devido ao nível da empresa e das oportunidades de

aprendizado que surgiram, coloquei essa atividade como prioridade em certos momentos).

O Cadastro na Plataforma Brasil, local onde eu solicitaria a autorização do conselho de ética também foi desconsiderado, pois foi concluído pela orientadora que não era necessário pelo tipo de trabalho e por questões de tempo. Além dessa decisão, as gravações só poderiam ser realizadas a cada 15 dias pois era o período entre uma ação e outra, e isso encurtou ainda mais o tempo de trabalho já que ficávamos muito tempo ociosos e rendidos ao calendário da ong.

Tabela 2 - Print do Cronograma 1 relativo às estimativas de datas para realização do Projeto Experimental em sua totalidade

2022					
Atividade	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Leitura do texto: Corpos urbanos errantes					
Estudo do material Audiovisual					
Levantamento bibliográfico sobre Raça, Gênero e Sexualidade					
Definição dos Objetivos Gerais e Específicos					
Contato com as ONGs					
Estrutura de Roteiro					
Cadastro na Plataforma Brasil					
Entrega Pré Projeto					
Organização da equipe de gravação					
Pré Produção					
Produção					

2022/2023					
Atividade	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Roteiro de Montagem					
Montagem					
Relatório					
Banca					

Fonte: Google Planilhas

Tabela 3 - Print do Cronograma 2 relativo às Reuniões, Gravações e Pós Produção

		NOVEMBRO						
		DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
1ª SEMANA				1	2	3	4	5
	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã
	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde
	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite
								AÇÃO BDM
2ª SEMANA		6	7	8	9	10	11	12
	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã
	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde
	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite
		Reunião equipe Geral		Reunião equipe Técnica				
3ª SEMANA		13	14	15	16	17	18	19
	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã
	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde
	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite
						Reunião com Larissa 14h		Entrevista com ONG
								AÇÃO BDM Gravação de inserts
4ª SEMANA		20	21	22	23	24	25	26
	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã
	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde
	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite	Noite
					Reunião equipe Pós 19H			
5ª SEMANA		27	28	29	30			
	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã				
	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde				

Figura 8 - Print do Quadro do Trello na fase de Pesquisa, Pré Produção e Relatório



Fonte: aplicativo de gerenciamento de projeto Trello

Em relação aos equipamentos, a maioria foram empréstimos da própria universidade, de membros da equipe ou alunos do curso, facilitando de forma considerável a produção e a redução de custos. Ao longo das reuniões com a equipe técnica, o foco era a utilização de uma quantidade mínima de aparelhos prezando pela segurança e logística. A composição final utilizada, quantidade e seus respectivos donos ficou da seguinte forma:

Tabela 4 - Listagem dos equipamentos utilizados e seus respectivos responsáveis

Equipamento	Pertence à	Quantidade
Câmera Canon t5i ou sl3	Unesp	1
Kit de som (Boom, Zoom e Priscila)	Unesp	1
Cartão de memória (Câmera)	Unesp	1
Videomic	Unesp	1
Cartão de memória (Câmera)	Tomas Eguchi	2
Tripé	Tomas Eguchi	1
Cartão de memória (Som)	Sofia Vasconcelos	1

Luz de Led	Laura Costenaro	2
Baterias Câmera	Tomas Eguchi	2
Baterias Câmera	Unesp	1
Pilhas	Matheus de Oliveira	16
Fone de Ouvido (som)	Matheus de Oliveira	1

Fonte: Google Docs

Dois fatores trouxeram um certo grau de dificuldade na aquisição dos equipamentos, sendo um deles a incerteza em saber se os mesmos iriam estar disponíveis nas datas de gravação, o que de fato ocorreu em uma das diárias ao passo que tivemos que usar um modelo de câmera diferente da que foi usada no primeiro dia de filmagem, e o segundo se tratou de uma reforma que estava havendo nos estúdios durante todo o período de produção do trabalho, o que se tornou um impeditivo na retirada dos equipamentos em datas desejadas.

4.6. Roteiro

Em se tratando de um projeto no formato documentário que possui uma proposta de não se trabalhar a partir de um roteiro equivalente a de filmes ficcionais, o foco era estruturar uma linha narrativa por meio das perguntas que seriam feitas aos entrevistados. Dessa forma, o passo inicial seria entender melhor como ocorre a organização de produção consultando profissionais da área, referências audiovisuais e textos teóricos que dessem conta do tema escolhido e dos marcadores sociais que direcionaram a formulação das questões e orientariam os participantes.

Em conversas com o profº Bruno Jareta de Oliveira foram colocadas diversos questões para a estruturação da narrativa e que foram de suma importância durante todo o processo e que posso citar algumas, a primeira delas era pensar de que forma eu gostaria de extrair as respostas desejadas, por meio de um roteiro de perguntas convencional ou de situações que pudessem extrair os sentimentos e coisas inesperadas sem a necessidade de uma intervenção.

Outro ponto seria pensar na quantidade de personagens e apresentá-los como sujeito(s) que pudessem colaborar com a visão deles de si (compromisso ético) Superar o fascínio (olhar arrogante), entendê-los além da identidade de pessoas em situação de rua e de uma retratação equivalente à um *freak show*.

Por fim pensar no processo de aproximação com os esses personagens como forma da estratégia de produção, construindo uma confiança mútua e um material consistente e fiel a realidade de cada um, pois teria vindo de forma natural.

Ao final, optei por construir um roteiro de perguntas que fossem um suporte para que os temas surgissem e desbloqueassem possíveis outros assuntos e inseri sugestões de captação de imagens que poderiam compor o filme, ao todo foram 4 tratamentos. Em relação aos personagens, a expectativa era ter uma diversidade de pontos de vista com homens e mulheres LGBTQIAP+, negros e negras e de diversas idades.

Além disso, construí um roteiro específico para as entrevistas com os voluntários da ong para que no todo elas pudessem dar suporte a narrativa com pontos de vista sensíveis e técnicos ao mesmo tempo. Ao todo foram realizados 3 tratamentos.

As referências audiovisuais fizeram parte da construção do roteiro no sentido de fornecer meios para que eu pudesse entender as possibilidades visuais, técnicas e sonoras. Tive como referência os seguintes filmes: Bixa travesty (2018), Elena (2012), Estamira (2006), Ônibus 174 (2002), Nomadland (2021) e Profissão Repórter. Todos estes supriram a necessidade de entender melhor os tipos de documentários e as variadas formas de se contar uma história, no entanto, em uma conversa com o Guilherme Soares, responsável pela edição do meu trabalho, ele me sugeriu o documentário PIXO (2010) e rapidamente concordei que ele seria o principal guia pois possui linguagens técnicas e artísticas mais próximas ao que eu tinha idealizado e a estrutura que possuía.

A versão final do roteiro pode ser encontrada no final deste relatório, na seção Apêndices.

4.7. Produção Executiva

Quando a ideia inicial era gravar em São Paulo, sabia que os custos seriam altíssimos, mas centralizando todo o projeto em Bauru, o planejamento financeiro também foi facilitado, ao passo que os únicos gastos foram com alimentação e transporte.

Todo o valor gasto foi pago com o salário que eu recebia do estágio sendo direcionado para a locomoção de ida e volta das ações (o trajeto durante era feito por meio de caronas conforme explicado anteriormente), para as alimentações

realizadas ao final das diárias e na ida e volta de casa para a universidade para buscar os equipamentos.

De certa forma, o baixo orçamento da produção pode ser um retrato não da falta de verba que eu poderia alocar, mas da escassez de recursos próprio do contexto em que eu estava trabalhando. A verba é essencial em qualquer lugar, mas ali a necessidade principal não podia ser valorada, com base nisso, o custo total do projeto ficou da seguinte forma:

Tabela 5 - Planilha de Custos

Transporte	R\$107,42
Alimentação	R\$117,51
Equipamentos (pilhas)	R\$29,98
TOTAL	R\$254,91

Fonte: Google Doc

5. PRODUÇÃO

5.1. Gravações

Considerando a pesquisa de campo que apresentou todas as condições ideais de clima, quantidade de pessoas encontradas, conteúdo, duração das conversas e pensando no cronograma que estava apertado, me baseei nisso e o planejamento era gravar todo o material em apenas uma ação. No entanto, aprendi da forma mais difícil possível que nada estava sob meu controle a partir do momento em que todo o cenário presenciado inicialmente mudou completamente e de uma hora para outra me vi com duas diárias a mais, elevação do orçamento e a impossibilidade de conseguir as entrevistas desejadas dentro do espectro de personagens estipulado na idealização do projeto.

Considerarei a presença apenas do Gabriel Oliveira para captação de som e do Tomás Eguchi responsável pela captação de imagens, sendo que eu acumularia a função de direção e assistente de direção durante as filmagens e a Livia Borovac cumpriria essa função apenas na gravação da entrevista com os voluntários da ong, pois estaríamos em um ambiente controlado e teria certeza que conseguiria realizar o transporte de todos.

Esta decisão dificultaria a produção, mas devido a incerteza de conseguir carona durante o trajeto da ação optei por fazê-la, não queria levar uma equipe inteira para o local, fazer com que se organizassem e só na hora descobrir que não poderiam ir todos.

5.2. Dia 1

A primeira diária estava marcada para o dia 19 de novembro, nela seguiríamos com o planejado, gravando as entrevistas com o Fábio, um dos voluntários, por volta das 18h no local em que alguns do grupo montam os kits que são entregues. No entanto, um dia antes pela manhã testei positivo para COVID-19 e em um primeiro momento descartei totalmente a possibilidade de realizar a gravação, me frustrando de forma considerável.

Refleti bastante durante o resto do dia, recalculando toda a rota e, para que o dia de gravação não fosse perdido, cogitei a presença do Tomas Eguchi durante a ação captando imagens e tirando fotografias que poderiam compor a narrativa futuramente. Conversei com ele e de pronto o convite foi aceito, mesmo desconhecendo totalmente a equipe da ong e principalmente esse tipo de atividade.

A partir do momento em que ele saiu de casa até a finalização da ação por volta das 1h30 da manhã, ficamos em contato pelo whatsapp onde pudemos esclarecer diversas dúvidas técnicas, enviar sugestões e simplesmente atualizar sobre o andamento do projeto. Apesar de todo o contratempo, o resultado final ficou muito bom e o Tomas conseguiu conhecer melhor o funcionamento, me passar um relatório das dificuldades encontradas e como poderíamos nos preparar para possíveis adaptações na próxima diária.

5.2. Dia 2

Realizada no dia 03 de dezembro a segunda diária seria focada nas entrevistas apenas, mas no dia anterior recebi a notícia de que o Fábio, voluntário que iríamos entrevistar, também testou positivo para COVID-19. Essa era novamente mais uma situação que estava fora do meu controle e decisão foi de remarcar-la mas seguir com as filmagens na rua.

Por conta do período com chuvas e mudanças bruscas de temperatura toda a equipe ficou alerta ao longo do dia, felizmente as condições climáticas para gravação externa estava favoráveis, até a saída de casa. No caminho para a

rodoviária uma garoa fina se iniciou e com o passar do tempo se intensificou, chegamos ao destino final com ela ainda mais forte impossibilitando a saída para as entregas. Ficamos ilhados e decidiram começar ali dentro da rodoviária mesmo, local com um quantidade considerável de pessoas em vulnerabilidade.

Poucos minutos antes disso, enquanto montávamos os equipamentos, percebemos que não havia cartão de memória para o equipamento de som, aí iniciou-se nossa odisseia em ligar para pessoas que pudessem emprestar. Nesse momento, entrei em contato com a Mônica Dias que saiu de carro em meio a chuva atrás de pessoas que poderiam emprestar, enquanto isso testamos o cartão de memória extra que o Tomas tinha levado mas por algum motivo o aparelho não estava reconhecendo.

Uma das pessoas que entramos em contato não havia encontrado o cartão mas felizmente conseguimos com outra e estava em mãos da Mônica Dias. Outro obstáculo que surgiu foi o fato de estarmos prestes a sair da rodoviária, devido a diminuição da chuva, e não termos certeza da nossa localização para que o cartão emprestado fosse levado até nós, o que deixou o clima ainda mais tenso. Depois de muitos testes o cartão extra funcionou, mas já havíamos perdido a possibilidade de entrevistar algumas pessoas ainda na rodoviária.

Sáímos para realizar as entregas em outros pontos da cidade, mas como equipe fomos confrontados por outros problemas como o barulho da chuva que interferia na audibilidade da captação de som, risco de danos aos equipamentos, baixa iluminação e principalmente a ausência de muitos habitantes das ruas que se deslocaram e alojaram-se em locais que os voluntários do grupo desconheciam, o que acabou impactando a obtenção de entrevistas e as que conseguimos, entre 3 e 4 pessoas, não supriram as expectativas e necessidades por conta do mal tempo e duração das paradas em cada ponto.

5.3. Dia 3

A terceira e última diária ocorreu no dia 17 de dezembro e englobou a entrevista com os voluntários e moradores de rua. Agendamos a entrevista com o Fábio durante a montagem de kits a partir das 18h, chegando lá fizemos um reconhecimento do espaço e até ajudamos os voluntários separando os itens antes de iniciarmos as gravações, nesse tempo foi sugerida a participação de outros voluntários e felizmente, apesar de bem ansiosos e nervosos de confrontarem as

câmeras, alguns se disponibilizaram. No local filmamos apenas uma voluntária, os demais deixamos para gravar na Praça Rui Barbosa, onde centralizamos a ação por ser temática, voltada para o Natal.

As 20h nos locomovemos até o centro da cidade, com exceção de um vento que atrapalhou o áudio de algumas gravações, o clima felizmente estava bom, dessa forma montaram toda a estrutura necessária com os alimentos, espaço para corte de cabelo, outro para música e aguardamos a chegada das pessoas que viviam nas ruas ao redor, enquanto isso fizemos a entrevista de dois voluntários em conjunto, para que se sentissem mais a vontade, e no decorrer da noite fomos intercalando entre as pessoas em situação de rua e membros da ong.

Por estarmos em uma região central, imaginamos que haveria um movimento maior de indivíduos, porém não foi o que aconteceu. Além do baixo número que se aproximou da equipe para conversar ou retirar um alimento, o público não era diverso ao passo que entrevistamos muitos homens, heteros e que se autodenominavam pretos e isso confirma um sintoma da composição das pessoas em situação de rua.

Figura 9 - Fotografia tirada ao final da ação especial de Natal (2022) dos voluntários do Bem da Madrugada Bauru



Fonte: Matheus de Oliveira Jesus

Figura 10 - Gravação de uma das entrevistas do documentário durante a ação de natal. Sendo entrevistados temos o Fernando, homem em situação de rua e a Natália, voluntária da Ong e os membros da equipe Gabriel de Oliveira, Tomas Eguchi, Matheus de Oliveira e Livia Borovac, da esquerda para a direita



Fonte: Matheus de Oliveira Jesus

Nos apêndices, coloco um breve relato do Diretor de fotografia Tomas Eguchi com a finalidade de detalhar sua experiência e complementar o projeto. Além disso, visando ilustrar melhor as principais conversas que realizamos com informações dos bastidores, irei descrevê-las no tópico abaixo.

5.4. Entrevistas

Todo trajeto percorrido para chegarmos a etapa das entrevistas foi de extrema importância pois eu e a equipe conseguimos nos sentir minimamente mais a vontade para abordar as pessoas que encontrávamos nas ruas. Como mencionado anteriormente, nossa preocupação principal era realizar cada entrevista da forma mais ética possível para não ferirmos ainda mais aquela pessoa que já se encontrava em uma situação tão sensível, dessa forma, sempre com a presença de algum membro do Bem da Madrugada pedimos a cada entrevistado sua autorização para filmá-los, via vídeo mesmo, pois acredito que seria a forma mais viável de estarmos resguardados nesse sentido.

A experiência de cada entrevista foi única, seja pela pessoa ou por sua história e, conseqüentemente, a forma que fomos recebidos por cada um que aceitou dar um relato sobre sua vida também foram singulares. No geral, aqueles que quiseram falar tiveram uma atitude muito genuína, perceptível a todos, com a intenção verdadeira de compartilhar seus desejos, anseios e diversas outras questões que abordaram, nenhuma delas foi conseguida por meio de uma solicitação mais enfática da nossa parte, e isso contribuiu significativamente por estarmos com um déficit de material e precisando que todos que participassem nos desse um conteúdo bruto interessante para traçarmos a linha narrativa.

Todas foram desafiadoras a seu nível, nunca sabíamos qual ia ser a reação da pessoa antes, durante e depois de cada entrevista. Cada indivíduo é um universo singular e o medo de invadirmos um território ainda mais sensível pautou cada pergunta. Além disso, sabemos como a câmera confronta, então solicitei que toda a gravação fosse feita da forma mais tranquila possível, sem muitos pedidos ao entrevistado em relação a posição, voz, gestos e afins, aquele ambiente era deles e não poderíamos nos tornar maiores que suas histórias.

Em particular duas entrevistas foram marcantes para mim, a primeira delas foi a do Fernando de Abreu e Silva, um homem que acabara de ter uma recaída das drogas e passou a viver nas ruas. Antes Fernando era um dos voluntários da ong, muito ativo e conhecido por todos ali, assim seu testemunho foi muito rico e impactante. A pedido de uma das voluntárias conseguimos conversar com ele, e até mesmo com ela que estava morrendo de vergonha de falar sobre o projeto até esse momento, e o que mais me chamou atenção e marcou essa entrevista foi a forma com que ele contava sua vivência, nesse caso em específico cada frase que ele dizia com a boca seu olhar e expressões diziam o mesmo, e para mim que estava tão vulnerável quanto eles foi delicado.

Houve um momento em que eu fui o entrevistado, ele me questionou se já havia dado um abraço em algum morador de rua, e com a minha negativa ele respondeu que eu não tinha participado das ações de forma correta, para isso deveria me “rebaixar” ao nível de cada indivíduo e excluir qualquer escuta ou posicionamento superior, e isso me sensibilizou bastante.

A outra entrevista foi com a Drica Fernandes, antes de conversarmos com ela estávamos atentos às suas movimentações inquietas pela praça durante toda ação, optei por não corrermos atrás dela, literalmente, para pedir a entrevista, então

esperamos o momento de sua aproximação. Ela não estava sozinha, havia uma outra mulher (sua amiga) que rapidamente se escondeu entre a touca do moletom para não falar, ao contrário da Drica que fez questão de participar relatando sem pudor suas vivências. Um dos únicos pedidos que fizemos a ela foi para não se movimentar muito por conta da câmera, mas suas falas e gestos eram tão efusivos que ao invés da câmera confrontá-la ela “confrontava” a câmera e se aproximava cada vez mais perto de todos da equipe, a ponto do Tomas ter que mudar a posição da câmera. Ao final, ela continuou participando da ação com o grupo, cantou e tirou foto com todos e certamente finalizou aquela iniciativa de uma forma bem especial.

6. PÓS PRODUÇÃO

Realizadas todas as gravações, o objetivo era finalizar as edições dentro do prazo estipulado nos cronogramas acima, no entanto, surgiu uma pequena oportunidade de extensão do meu contrato no estágio e preferi arriscar e postergar a entrega do projeto para o segundo semestre, o que impactou positivamente o projeto estendendo os prazos para edição do material. Nesta etapa não atualizei nem criei outro calendário, juntamente com a equipe de pós produção fomos entendendo os momentos para realizar as versões, que se encerraram em Junho de 2023.

6.1. Definindo a narrativa

Com todo o material captado em mãos, o desafio a partir desse momento seria estruturar uma linha narrativa que fornecesse todas as informações necessárias e tivesse ao mesmo tempo a “carga dramática” mais realista que um audiovisual deve conter. Assim, foi realizada uma reunião em que o ponto principal estabelecido foi a análise das informações compartilhadas pensando nos pontos de intersecção entre as entrevistas e os materiais de insert, já que a retratação da realidade como um todo é um dos pilares do trabalho.

Após algumas discussões da melhor referência a ser seguida devido a dificuldade em encontrar um material audiovisual com a temática das pessoas em situação de rua, chegamos a conclusão de que utilizar o documentário PIXO (2009) como referência para a montagem era a melhor opção por conta da sua linha narrativa e estética, o mesmo apresenta entrevistas e imagens captadas também em

um lugar hostil, as ruas da capital paulista, ficando a mercê de diversas questões técnicas que também poderiam ser vistas no meu projeto.

Devido a grande quantidade de inserts captados, a ideia é que fossem utilizados com o objetivo de ilustrar bastante o contexto em que os entrevistados viviam e até mesmo as condições de trabalho feito pelos voluntários, dessa forma a linha narrativa construída e aprovada neste primeiro corte foi a seguinte: Contextualização do local e do tema > Apresentação dos Personagens > Apresentação do Bem da Madrugada > Contextualização das condições de vida das pessoas em situação de rua em Bauru > Dificuldades que os moradores de rua passam > Raça/gênero/sexualidade. Abaixo, apresento a descrição do processo realizado pelo Guilherme Soares.

6.2. Montagem e Edição de Som

O processo de elaboração da pós-produção do Projeto Experimental “Corpo Território” se iniciou com a apresentação da proposta e das referências do Diretor e Idealizador Matheus Oliveira. A partir desse momento, eu e Fernando Bafi recolhemos diversos materiais que complementassem o produto. Para isso foi feita uma reunião expositiva em que colocamos as melhores obras que se assemelhavam ao que era solicitado pelo Diretor. Focando na montagem apresentei o documentário “Pixo” de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Adotei a linguagem e ritmo impressos neste documentário como um norte para “Corpo Território”.

A partir dessa definição realizei uma filtragem do material bruto selecionando todas as melhores tomadas. A partir dessa seleção fiz uma avaliação mais atenta dos principais temas que uniam os entrevistados, seja pelo roteiro ou pela espontaneidade da conversa. A partir dessa decisão, optei por apresentar primeiro o local que estamos inseridos, apresentando as ruas, vielas e córregos de Bauru. Daí em diante segui apresentando os personagens e suas experiências relatadas. Essa divisão foi sucedida pela abordagem de diversos temas como a família, dinheiro, violência, sexualidade e demais relatos. Por fim, o tema dos sonhos me tocou muito e optei por encerrar o documentário com essa temática.

A cadência foi um dos pontos mais difíceis de trabalhar ao longo do produto. As entrevistas foram longas e muitas delas tiveram diversas interrupções sejam sonoras ou imagéticas. Para compensar esses momentos, busquei inserir ambiências de cidades e sons naturais para ora ocultar determinados aspectos, ora

melhorar a experiência e imersão. Encontrar a ordem dos temas e encaixar as respostas semelhantes também foi uma tarefa complexa, ainda que existisse um roteiro para guiar as decisões. Juntamente a essas duas dificuldades foi igualmente desafiador selecionar os inserts, existia uma grande quantidade destes, o que é ótimo para mantermos a variação do que está sendo mostrado, mas foi muito difícil escolher as gravações que ficariam de fora do projeto.

A experiência de montar esse projeto experimental foi única. Muito disso se deve pela escolha do recorte feito pelo diretor e sua visão sobre como deveria ser conduzida a obra. Esse trabalho também foi muito facilitado pelas equipes de fotografia e som que deixaram um material bruto extremamente polido para que criássemos essa narrativa. Foi o trabalho mais completo que fiz na área de montagem e espero que o resultado seja apreciado e disseminado para que seja visto por todo o país.

6.3. Videografismo

Por se tratar de um assunto dramático e comovente, pensei em criar para o documentário uma abertura e créditos que contivessem ao mesmo tempo imagens reais retiradas das ações, mas retratadas de uma forma mais lúdica e dinâmica com um tema de abertura que trouxesse uma introdução das histórias que seriam contadas em seguida.

Em relação a abertura, parti em busca de referências que pudessem ilustrar a pluralidade de histórias e cenários condizentes com as ruas, imaginando a presença de recortes que aparecesse um seguido do outro e durante as pesquisas cheguei em três opções que se tornaram norteadoras, como a vinheta de abertura de 2022 do programa Saia Justa (GNT), o pôster do filme “Ela e eu” (2022) e principalmente a capa do álbum “Convoque seu buda”(2014), do cantor, rapper e compositor Criolo.

Figura 11 - Print de um trecho da vinheta do programa Saia Justa (GNT)



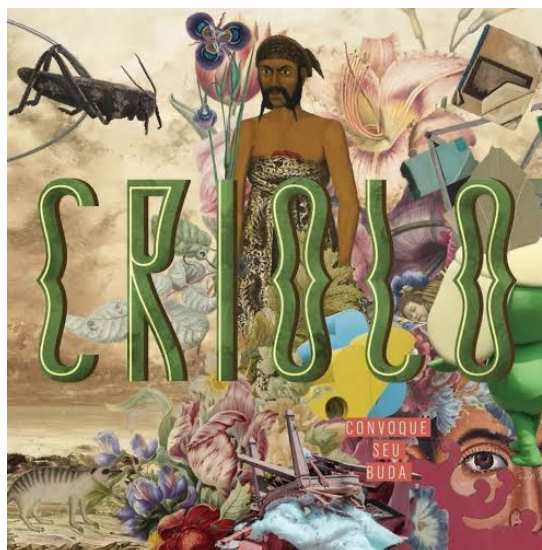
Fonte: Perfil da apresentadora Astrid Fontenelle na rede social Instagram

Figura 12 - Pôster do filme “Ela e Eu”



Fonte: site Adoro Cinema

Figura 13 - Capa do álbum “Convoque seu Buda” do rapper Criolo

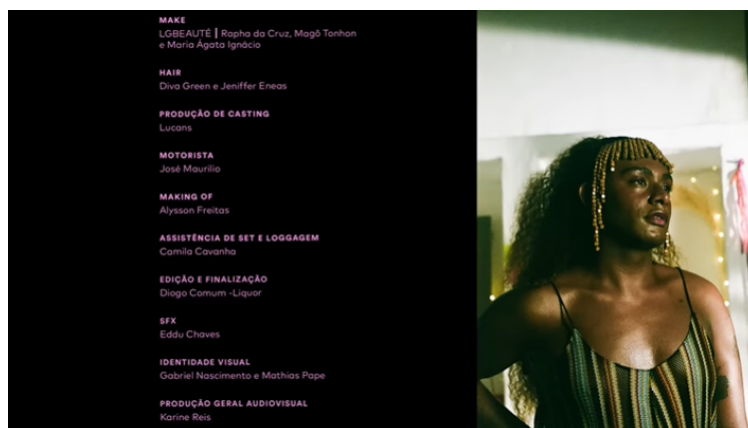


Fonte: Wikipédia

Em relação ao tema musical, a ideia era colocar na abertura a música “I’m tired” do cantor e compositor Labrinth em parceria com a atriz e cantora Zendaya, por conter em sua letra e melodias o tom que eu gostaria de transmitir, no entanto, por não se ajustar a duração da vinheta acabou sendo retirada ficando no lugar a música “Casa de Papelão” do cantor Criolo e que está presente no álbum usado como referenciado acima.

Para os créditos, a referência visual utilizada foi os créditos do documentário “É tudo pra ontem” do cantor Emicida e que está presente na Netflix e também do videoclipe “Baby95” da cantora Liniker, em ambos os casos vídeos e fotografias são intercalados com os nomes da equipe.

Figura 14 - Print dos créditos do videoclipe “Baby95” da cantora Liniker



Fonte: Youtube

Para a trilha, a música pensada desde o início foi “Principia” do cantor, rapper e compositor Emicida em parceria com o Pastor Henrique Vieira por possuir uma letra e melodias que se relacionam a uma oração, algo tão presente nas ruas, e principalmente por conter uma mensagem de esperança, sendo uma boa finalização de arco para a narrativa.

O processo de construção da abertura do documentário Corpo Território teve início com um moodboard geral do TCC, definindo a fonte a ser utilizada no logo, uma paleta de cores geral, as texturas que poderiam ser aplicadas e o efeito de recorte, que pode ser observado nas transições entre cenas.

Num segundo momento, já com o material em mãos, foi feita uma seleção de cenas que poderiam ser utilizadas na estética de recorte e que dialogassem com o documentário em si. Uma vez selecionadas as cenas que poderiam entrar na abertura e tendo a música selecionada pela direção, foi feita a montagem priorizando a transição entre cenas e o ritmo em conjunto com a música.

A parte final da abertura foi feita utilizando as fotos de maior impacto, uma das texturas definida no moodboard e um efeito de stop motion com imagens de arquivo que dialogassem com a estética do documentário e com a cidade de Bauru.

Em todo o processo foram utilizados os programas Adobe Premiere Pro, Adobe After Effects, algumas correções nas imagens foram feitas no Adobe Photoshop e em todo o processo foi utilizado o Adobe Premiere Pro.

Nos créditos, foi utilizada uma tela dividida em três terços, sendo dois deles ocupados pela rolagem de nomes e dos logos. No terceiro terço, aparecem imagens de making of.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto possui muitos significados com impactos na minha vida pessoal e acadêmica. Com ele pude sair da zona de conforto e me arriscar a conhecer um universo tão próximo e distante da minha realidade, e ouvir histórias extremamente sensíveis ao mesmo tempo que precisava lidar também com as condições adversas de filmagem, direção de uma equipe e gestão de tempo.

Considerando todo o período de obscurantismo político que assolou o Brasil entre 2018 e 2022, um trabalho como esse não poderia ser realizado apenas com objetivos universitários, e por esse motivo que utilizei do mesmo como ferramenta de questionamento das estruturas sociais me deparando com conceitos que deveriam ser de conhecimento geral como *Biopoder* e *Corpo-Território* evidenciando que o elo entre território e corpo inclui, de fato, diversas modalidades de (inter)relações e escalas de interpretação.

Apesar dos contratemplos e dos diversos fatores externos que dificultaram a realização do projeto, creio que havia encontrado os mecanismos para solucioná-los fazendo com que todo o andamento ocorresse da melhor forma possível e eu alcançasse os objetivos traçados de contar algumas histórias respeitosamente, possibilitando a retratação de questões como o racismo, machismo e homofobia mesmo que de forma subjetiva em certos momentos.

Dessa forma, o objetivo daqui em diante é apresentar as histórias e reforçar ainda mais os conceitos apresentados neste trabalho diante a sociedade, seja em mostras audiovisuais, centros culturais, festivais, museus ou escolas desmistificando e tirando o véu de invisibilização que é colocado sobre as pessoas em situação de rua.

Por fim, fico feliz em conseguir colocar em prática os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso e demonstrar, mesmo que de forma simples, a potência que o audiovisual possui em retratar e denunciar aspectos relevantes da sociedade. Enquanto um indivíduo negro, bissexual e morador da periferia de São Paulo, em muitos momentos pude refletir sobre as dificuldades e privilégios que tenho e abrir caixas internas relacionadas ao meus laços familiares e a minha identidade, o que foi enriquecedor para minha formação e auto-conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo** / Simone Miziara Frangella. - Campinas, SP : [s. n.], 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Do Corpo-Território ao Território-Corpo (Da Terra): Contribuições decoloniais**. GEOgraphia, vol: 22, n.48, 2020

MUNANGA, K. **Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 17–24, 2006. DOI: 10.20396/resgate.v5i6.8645505.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645505>. Acesso em: 20 maio. 2023.

MUNANGA, K. **A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças**. v. 4 n. 1 (2014): Dossiê: Relações Raciais e Diversidade Cultural. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/26989>TO DAS DIFERENÇAS | CRÍTICA E SOCIEDADE (ufu.br)

MONDARDO, Marcos Leandro.. **O Corpo enquanto “Primeiro” Território de Dominação: O Biopoder e a Sociedade de Controle**. Biblioteca online de ciências da comunicação. Disponível em: [mondardo-marcos-o-corpo.pdf](#) (ubi.pt). Acesso em: 20 maio. 2023

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pós-produção** / Sérgio José Puccini Soares. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing, and producing documentary films and videos**. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1996, p. 25

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.101.

REISZ, Karel; MILLAR, Gavin. **A técnica da montagem cinematográfica**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, EMBRAFILME, 1978, p.123.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p.131 e 134.

SPAGNA, Di Julia. Guia do Estudante, 2023. **Aporofobia: a aversão aos pobres e seus efeitos na sociedade**. Disponível em:
<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/aporofobia-a-aversao-aos-pobres-e-seus-efeitos-na-sociedade>. Acesso em 20 de maio de 2023.

IPEA. IPEA,2022. **População em situação de rua supera 281,4 mil pessoas no Brasil**. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em 22 de junho de 2023

LACERDA, Raphaela Cândido; DA ROCHA, Lara França. **Fazer viver e deixar morrer: os mecanismos de controle do biopoder segundo Michel Foucault**. Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8069>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CNMP. **Guia de Atuação Ministerial : defesa dos direitos das pessoas em situação de rua/Conselho Nacional do Ministério Público**. Brasília: CNMP, 2015. 143. Acesso em 22 de junho de 2023

NATALINO, Marco. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2022)**. Brasília: Disoc/IPEA. 2020. 20. Acesso em 22 de junho de 2023

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Perguntas disparadoras gerais

1. Qual seu nome, idade, profissão?
2. Como chegou as ruas?
3. Qual a situação familiar atual ?
4. O que as ruas representam para você?
5. O que mais te aflige, o que mais te falta?
6. Como funciona a dinâmica sociabilidade do grupo ou família no contexto das ruas?
7. Tem espaço para relações afetivas na rua ?
8. quais meios criaram para sobreviver a possíveis abusos ?
9. O que te motiva a continuar nas ruas ou o que te impede de sair das ruas?
10. Quais os aprendizados da sobrevivência na rua?
11. Quais recursos e perspectivas vê para a saída da rua?
12. qual seu sonho?

APÊNDICE 2 - Perguntas disparadoras relativas aos marcadores sociais

1. O que é ser uma mulher e como é ser uma mulher na rua?
1. Seria possível pensar na presença feminina nas ruas sem a presença masculina?
2. Existe violência entre o casal na rua, porque ela acontece e como ocorre? Como se protege ?
3. Como você expressa sua feminilidade e força estando nas ruas ?
4. Como você se vê, enquanto um indivíduo negro ?
5. Como acha que isso afeta sua vida nas ruas? Quando se dirigem a você, percebe que foi uma abordagem racista?
6. Você vê que a sua vivência nas ruas é fruto do racismo ?
7. Para mulher: você sente que um homem se dirige/relaciona com você para construir uma parceria, por amor? Fazer ligações com raça ao longo da resposta e dos elementos dados
8. Como é a relação com Deus? qual religião?

APÊNDICE 3 - Sugestões de captações visuais

- O gradual vínculo da pessoa com a rua pressupõe um aprendizado de mecanismos de sobrevivência, ao mesmo tempo em que **marcas corporais** que vão denunciando o prolongamento do contato com o espaço urbano: a sujeira que gradualmente vai lhe encardindo, as feições inchadas

pelo álcool, a vestimenta rasgada, a postura corporal específica, o olhar introspectivo.

- Essa “**arquitetura anti-mendigo**”
- **Os pés no asfalto**
- Nas caminhadas pela cidade, os moradores de rua, em geral, carregam vários **pertences** consigo
- Os carrinhos puxados a pé fazem um **contraste marcante com o movimento** de carros, motocicletas e ônibus na cidade, assim como com a circulação frenética dos pedestres
- No mundo da rua, estar mais limpo do que o outro, cuidar-se mais do que o outro, como já dito, marcam diferenças nas formas de estar nas ruas.
- **Espaço de moradia e convivência social**
- Pensando que existem **feminilidades e masculinidades**, como expressar/expressam as mesmas?
- Características do **bairro**

APÊNDICE 4 - Perguntas para a ONG

1. Apresentação do entrevistado: nome, idade e função na ong
1. Qual(is) o perfil das pessoas em situação de rua, levantando em consideração raça, gênero e sexualidade?
2. Áreas urbanas que estão sendo revitalizadas são uma indicação do processo de “limpeza” da cidade. Como você vê a ação do poder público frente a essa realidade ?
3. Como os moradores de rua resistem às exclusões e dificuldades?
4. A situação dos moradores em situação de rua reflete minimamente a situação dos imigrantes e escravos, por exemplo, no período colonial?
5. Qual a relação entre estar nas ruas e o uso de drogas? Como vocês ajudam e como conduzem?
6. Devido à desigualdade social em que nos encontramos, que a cada ano o número de pessoas em condições de vulnerabilidade aumenta e como cidadãos vivendo em uma sociedade, também contribuimos com esse quadro. Como podemos trabalhar para atenuar essas diferenças?
7. Qual história te surpreendeu mais?

APÊNDICE 5 - Relato do Tomas Tetsuo Eguchi, diretor de fotografia, acerca da sua experiência

Eu participei de três diárias como diretor de fotografia e operador de câmera. A experiência de gravar e documentar um projeto que aborda este tema foi incrível, desde acompanhar todo o processo da ONG como também poder ouvir os relatos dos moradores de rua e suas vivências.

No geral, acredito ter sido bem proveitoso e produtivo as noites de gravações, porém, houveram alguns empecilhos que dificultaram a progressão do projeto. É possível citar a chuva na segunda diária, que complicou na mobilidade da equipe e no manuseio dos equipamentos, além de dispersar os moradores de ruas, que tiveram que buscar por outros locais para ficarem.

Outra dificuldade foi no quesito da iluminação das áreas de gravação, obrigando o uso de configurações mais extremas na câmera para a captação de imagem como por exemplo a utilização do iso em valores muito altos, assim, reduzindo a qualidade do vídeo.

No mais, gravar este documentário foi um trabalho que valeu muito a pena e que acrescentou muito para minha bagagem como fotógrafo. Acredito que os assuntos foram bem abordados e a condução do projeto foi bem executada.